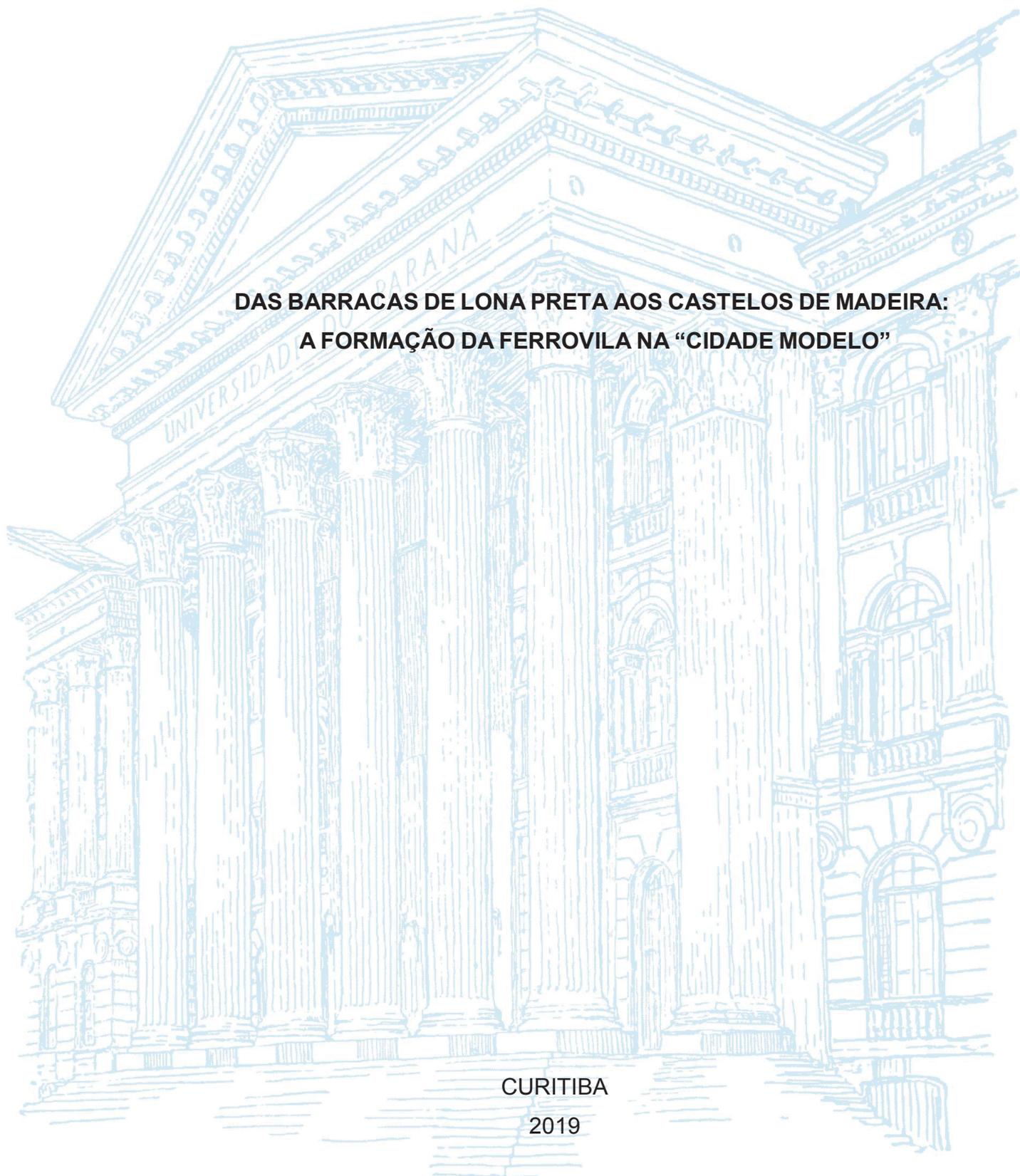


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ALLYSON LOPES DE OLIVEIRA

**DAS BARRACAS DE LONA PRETA AOS CASTELOS DE MADEIRA:  
A FORMAÇÃO DA FERROVILA NA “CIDADE MODELO”**



CURITIBA

2019

ALLYSON LOPES DE OLIVEIRA

**DAS BARRACAS DE LONA PRETA AOS CASTELOS DE MADEIRA:  
A FORMAÇÃO DA FERROVILA NA “CIDADE MODELO”**

Monografia apresentada ao curso de Pós-Graduação em Sociologia Política, Setor de Ciências Sociais, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Sociologia Política

Orientador: Prof. Nelson Rosário

CURITIBA

2019

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

ALLYSON LOPES DE OLIVEIRA

### **DAS BARRACAS DE LONA PRETA AOS CASTELOS DE MADEIRA: A FORMAÇÃO DA FERROVILA NA “CIDADE MODELO”**

Monografia apresentada ao curso de Pós-Graduação em Sociologia Política, Setor de Ciências Sociais, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Sociologia Política.

Orientador: Prof. Dr. Nelson Rosário  
Universidade Federal do Paraná - UFPR

Prof. Dr. Paulo Roberto Neves Costa  
Coordenador de metodologia da UFPR

Curitiba, 06 de dezembro de 2019.

A minha amada mãe, responsável por minha criação no início dos anos 90, nas ruazinhas de terra, sem saneamento básico, sem alternativas, sem perspectivas, sem pai, sem teto. Defendeu-me como uma leoa nas trincheiras do campo de batalha. Aposentou-se aos 56 anos, até então, trabalhou mais de 40 anos, mas não realizou o seu sonho e o de milhões de brasileiros: o direito à casa própria como conquista para vida.

## AGRADECIMENTOS

A minha mãe, peça chave em minha criação, guerreira no solo infértil da pobreza, sem opções, criou minhas duas irmãs e eu, sem a presença constante de um pai, enfrentou o mundo como ninguém, venceu – ao nosso modo, mas venceu! onde nem as ervas daninhas vingam, nas ruas de terra e carreirinhos semiaberto no Jardim Paloma, em Colombo – PR.

Ao meu professor de história no ensino fundamental, Daniel Lazinho. O grande responsável por me apresentar um mundo em que eu pudesse me sentir visibilizado e com grande valor na luta pelo coletivo. Me fez crer na possibilidade de uma sociedade mais justa e igualitária, através de sua luta me inspirei e segui o mesmo caminho: a educação como trincheira de combate e resistência pelos invisibilizados socialmente nesse campo de extermínio chamado Brasil. Não é exagero algum dizer que, através de suas aulas minha vida começou a mudar. De aluno convidado a se retirar do Colégio Estadual Homero Baptista de Barros, em 2006, devido ao mau comportamento e resultados ruins, para Professor de História na mesma instituição, em 2013. A vida é uma roda gigante e nela eu sou passageiro! Ao rap, por ter sido o irmão mais velho, pai e conselheiro. Das primeiras letras ainda nos anos 90, através de grupos como Racionais MC's, Facção Central, DoctorMC's, Consciência Humana, até os dias atuais, com Inquérito, Sabotage, Baco Exu do Blues e Djonga. Sem esse ritmo minhas chances de inserção no mundo da educação teriam sido praticamente nulas, afinal, o que me fez participar das aulas foi o conhecimento prévio do conteúdo através das letras, associando diretamente com a aula ministrada em sala.

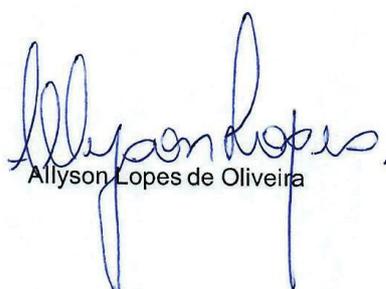
Aos meus professores, na graduação e pós-graduação, sem citar nomes, pois seria uma injustiça imensa esquecer-se de algum dos que contribuíram para minha formação, em especial aos que lutam na parte esquerda no tabuleiro da vida, contra as desigualdades, injustiças, e preconceitos, vocês são minhas referências. Ao meu grande amigo, companheiro de luta e referência no mundo: Renato Freitas. É um privilégio lutar ao seu lado, irmão, desbravar territórios até então intransitáveis a nós, sua luta é bonita demais, inspira e mobiliza. Você é zica, meu mano!

Um forte, sincero e leal abraço a Ana Célia, militante do movimento de moradias em Curitiba desde os anos 80, é uma luta incansável pelo direito básico previsto na constituição federal: o direito de moradia a todo cidadão brasileiro. Sem

o trabalho muito provável não teria sido possível. Apresentou-me o senhor Jairo Graminho de Oliveira, 92 anos de luta, vários dedicados ao direito de morar, a Ferroviária, centro da minha pesquisa, local de gente simples, batalhadora e com uma biografia vasta de lutas, vocês são resistência na selva de concreto e aço na *cidade modelo*.

Por fim, mas não menos importante, ao lugar que me acolheu depois de Colombo: Praça da Gralha azul, local de muito futebol descalço, conversas madrugada afora, sala de aula para os aprendizados que a escola não ensina!

Declaro para os devidos fins que este texto por mim apresentado como monografia, visando a obtenção do Diploma de Especialista em Sociologia Política pela Universidade Federal do Paraná, atende às seguintes condições: é de minha exclusiva autoria; na produção do referido texto não houve o uso indevido, antiético ou ilegal de trabalhos de outros autores, nem de práticas que possam ser consideradas como plágio; que a responsabilidade pela eventual ocorrência de práticas ilegais e antiéticas é exclusivamente minha; que não houve o auxílio de outras pessoas, remuneradas ou não, exceto, eventualmente, no que diz respeito à normalização ou revisão ortográfica do texto. Por fim, declaro estar ciente de que a eventual comprovação de tais práticas implicará em expulsão imediata deste curso, o que não me exime de outras penalidades previstas em lei.



Allyson Lopes de Oliveira

## RESUMO

Através de minha vivência nos movimentos sociais e grande interessado na resolução dos problemas referente à falta de moradias que afetam grande parte da população curitibana, o presente trabalho tem como foco principal identificar e evidenciar os problemas enfrentados pelos moradores da Ferrovila, área de ocupação irregular em Curitiba - com parcial regularização -. Localizada entre os bairros Novo Mundo, Portão e Cidade Industrial de Curitiba, teve breve início a partir dos anos 1979. Portanto, mapear as principais dificuldades vivenciadas desde o início das migrações das famílias para esse local. Em 1970 haviam duas favelas em Curitiba: Capanema e Vila Guáira. Em 1983 esse número saltou para aproximadamente 80 favelas, crescimento assustador influenciado por diversos fatores, como por exemplo, o *boom* industrial na cidade, através da política do então prefeito nomeado pelo regime militar, Jaime Lerner. Aliada a forte propaganda de Curitiba vendida como “Cidade Modelo” ao restante do país, com suas vias expressas exclusivas para o transporte coletivo, grande colonização europeia e próspera ao crescimento.

O crescimento desordenado ocupava diversos pontos da cidade, sendo assim, se fez necessária a formação de uma associação de vilas e favelas, com objetivo de construir, mobilizar e debater pautas de interesse dos moradores junto ao poder público, com reivindicações por moradias, emprego e educação pública aos filhos dos moradores, iniciava assim uma das maiores mobilizações já vistas em Curitiba. A questão central-problema é: como é tratado o problema habitacional na cidade modelo por parte do Estado?

Desde o processo de reurbanização, a prefeitura de Curitiba sofre com problemas no déficit habitacional, o *boom* demográfico e a incapacidade de resolução frente a esses problemas são alguns pontos abordados no presente trabalho, além de informar, fica o convite a reflexão por parte do leitor quanto ao planejamento urbano, provocando a segregação entre classes na capital, quando não a exclusão por completo dos mais pobres em relação aos principais cartões postais da cidade, um *photoshop social*, reforçando o estereótipo de “cidade modelo” aos que aqui estão de passagem e desconhecem as raízes da formação urbana de Curitiba.

Palavras-chave: Moradia 1. Ocupação 2. Ferrovila 3. Especulação imobiliária 4. Desigualdade social 5.

## ABSTRACT

Through my experience in social movements and really interested in solving the problems related to homelessness that affects a large part of the population in Curitiba, this work focuses mainly on identifying and highlighting the problems faced by the residents of "Ferrovila", an area of irregular occupation in Curitiba - with partial regularization - Located between Novo Mundo, Portão and Cidade Industrial neighborhoods, since the year 1979. Therefore, map the main difficulties experienced since the beginning of the family migrations to this place. In 1970 there were two shanty towns in Curitiba: Capanema and Vila Guaira. In 1983 this number increased to about 80 shanty towns, a scary growth influenced by several factors, for example, the industrial "boom" in the city, through the policy of the

Allied to the strong advertising of Curitiba sold as a Model City to the rest of the country, with its exclusive expressways for public transportation, huge European and attracted colonization and a city thrives on growth. But the growth is also due to other few mentioned factors, like the loss of the purchasing power of the population during the term of President Ernesto Geisel and the vast "Black Frost", a phenomenon that devastated the large coffee plantations in the state, unemploying thousands of families. Who found themselves without alternatives if they did not migrate to Curitiba, the state capital and that turned on the hopes of these families to seek for better living conditions, far from crops, but close to progress, far from coffee plantations but within the concrete and the steel jungle that formed at the end of the 1970s.

The disordered growth occupied several parts of the city, so it was necessary to form a village association and shanty towns, with the purpose of building, mobilizing and debating guidelines of interest of residents with the government, with claims for housing, employment and public education for the residents' children, thus initiated one of the biggest mobilizations ever seen in Curitiba

The central question of the problem is: how is it treated the housing problem in the "model city" by the state?

Since the process of reurbanization, the municipality of Curitiba suffers from problems of housing deficit, demographic growth and inability to solve problems in the face of them, there are some points related to the present work, in addition to inform, there is an invitation of reflection for the part of the reader about the urban planning, causing a segregation among classes in the capital, when there is not allowed to completely exclude the poorest ones from the main postcards of the city, a social photoshop, reinforcing the stereotype of the "model city" for the ones that are passing by and doesn't know the roots of Curitiba's urban formation

Keywords: Housing 1. Occupation 2. Ferrovila 3. Real estate speculation 4. Social inequality 5

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – ASSOCIAÇÃO DE MORADORES VILA FORMOSA.....	26
FIGURA 2 – ANGELO VANHONI, JAIRO GRAMINHO E JORGE SAMEK .....	26
FIGURA 3 – FERROVILA DEPOIS DA CONSOLIDAÇÃO, 2019.....	41

## LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

PT	- Partido dos Trabalhadores
PMDB	- Partido do Movimento Democrático Brasileiro
COHAB	- Companhia de Habitação Popular
BNH	- Banco Nacional de Habitação
MTST	- Movimento dos Trabalhadores Sem Teto
CIC	- Cidade Industrial de Curitiba

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>2 TEORIA E PRÁTICA – TRANSIÇÃO ENTRE A UNIVERSIDADE E A PRÁTICA NO CAMPO PERIFÉRICO .....</b>	<b>19</b>
2.1 BIOGRAFIA DO PESQUISADOR E RELAÇÃO COM O CAMPO DE PESQUISA . .....	19
2.2 MIGRAÇÃO: DOS CAFEZAIS AOS CENTROS URBANOS.....	21
2.3 UNIÃO GERAL DAS FAVELAS: A LUTA ALÉM DAS MORADIAS .....	24
2.4 CARTA DA FAVELA: DO APARTHEID SOCIAL À INVISIBILIDADE.....	28
2.5 DESATIVAÇÃO DA LINHA FÉRREA: DA REURBANIZAÇÃO À OCUPAÇÃO...31	
2.6 OCUPAÇÃO DO CARTÃO POSTAL: DAS BARRACAS DE LONA PRETA AOS CASTELOS DE MADEIRA.....	33
<b>3. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>44</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Viver no país de proporção continental como o Brasil é desfrutar de diversos climas durante o mesmo período do ano de acordo com a localização. Do semiárido ao subtropical, há uma diversidade bastante grande não somente em relação ao clima, mas aos hábitos culturais, alimentares e linguagens empregadas pela população em geral. Esse é um dos fatos que faz do Brasil uma vitrine para o mundo, com tamanha extensão há grande possibilidade de que cada cidadão tenha acesso à casa própria, talvez pareça simples para os que observam as peças de fora do quebra cabeça, mas internamente a situação é complexa e completamente diferente do que deveria ser ou imaginada por aqueles que desconhecem a história, da sua colonização ao período democrático, o Estado Brasileiro não foi capaz de resolver os problemas habitacionais.

O Brasil enfrenta diversos problemas relacionados à desigualdade social, problemas de dimensões imensuráveis, e um deles é o déficit habitacional, pessoas que não tem acesso a uma moradia própria, moram de aluguel ou vivem em moradias precárias em áreas irregulares, próximos as encostas, beiras de rios e aterros sanitários. Barracos que nos remetem a vaga lembrança das senzalas no Brasil colônia vistas nos livros história. Os números nos aproximam dos países com maiores índices de desigualdades no mundo, ao lado de Índia e África do Sul, colocando o *país da bola* no top 10 no ranking da desigualdade.<sup>1</sup>

A situação se agrava ainda mais nos grandes centros urbanos, cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte são os exemplos mais citados quando se trata do crescimento desordenado e a favelização. Mas também atingem cidades consideradas modelo ao restante do país, com intensa propaganda sobre o moderno transporte público, limpeza e meio ambiente, Curitiba não fica atrás das grandes capitais brasileiras, de forte colonização europeia, a *cidade modelo* também enfrenta – ou ao menos tenta camuflar a existência – um grave problema com ocupações em áreas irregulares. Com intenso crescimento a partir dos anos 1970, pequenos agricultores que perderam toda sua produção de café devido a “Geada Negra” no interior, enxergaram a esperança de recomeço e prosperidade na capital

---

<sup>1</sup> CORRÊA, Marcello. Brasil é o 10º país mais desigual do mundo. O Globo, 21 de mar. de 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/brasil-o-10-pais-mais-desigual-do-mundo-21094828>>. Acesso em: 09 de dez. de 2019

do Estado, com seus primeiros grandes edifícios, intenso processo de industrialização e modernização. Os espaços centrais se tornaram cada vez mais disputados, a especulação imobiliária tratou de elevar o custo de moradia nas áreas centrais, contribuindo – forçadamente pelo capital – para a exclusão das famílias de baixa renda, antes alocadas no interior e áreas centrais, mas devido à especulação imobiliária, reformas urbanas visando à *higienização social* e o fim dos cafezais no interior do estado, migraram para as áreas periféricas, tornando-se quase que invisíveis diante dos principais cartões postais, onde pessoas que não têm o direito a condições básicas de moradias deveriam permanecer.

O resultado desta política contribuiu gradativamente para o aumento da desigualdade social, assim como também o aumento da repressão, em que o Estado passou a utilizar de seus aparatos para evitar e controlar qualquer tentativa de revolta durante a ditadura civil militar, tratando a questão social como caso de polícia.<sup>2</sup>

Buscando compreender os fatores que levaram a segregação social em Curitiba e a formação de uma das maiores ocupações na capital, a Ferrovila, o pesquisador desenvolverá um trabalho de pesquisa no centro do objeto de estudos, buscando evidenciar alguns fatos sobre essa ocupação que atravessa três bairros na capital, na tentativa de ecoar as vozes dos moradores, saindo do anonimato cotidiano para o personagem principal dessa história, denunciando as dificuldades de todos aqueles que aqui vivem – e sobrevivem – as margens da cidade considerada *Capital Social*, com o maior PIB do Estado e um dos maiores do Brasil<sup>3</sup>, mostrando a luta coletiva na tentativa de garantir um dos principais direitos básicos dos seres humanos, presente na Constituição Federal de 1988, o direito à moradia. Esta é apenas uma das dezenas de ocupações presentes em Curitiba, a quantidade, localização exata e o número de habitantes é incerto e confuso, conforme dados da matéria do jornal Gazeta do Povo:

"Saber quantas famílias estão nessa situação não é tarefa fácil, já que os dados a respeito do número de ocupações irregulares em Curitiba e Região

---

<sup>2</sup> BARRUCHO, Luis. 50 anos do AI-5: Os números por trás do 'milagre econômico' no Brasil. BBC News Brasil, Londres, 13 de dez. de 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45960213>>. Acesso em: 09 de dez. de 2019

<sup>3</sup> CALEIRO, João. As 20 cidades com as maiores economias do Brasil. Exame Abril, 17 de dez de 2017. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/economia/as-20-cidades-com-as-maiores-economias-do-brasil/>>. Acesso em: 10 de out. de 2019

Metropolitana são pouco precisos ou defasados. A Companhia de Habitação do Paraná (Cohapar) fala em 75.614 lotes em situação irregular em Curitiba e em outros dez municípios do entorno (Araucária, Campo Largo, Campo Magro, Colombo, Pinhais, Quatro Barras, Quitandinha, Rio Negro e São José dos Pinhais).

Com esse número, entretanto, é difícil dimensionar quantas são as famílias em situação de moradia irregular. Isso porque não há um padrão de número de casas por lote e, além disso, existem os casos em que famílias distintas ocupam um mesmo imóvel.

Dados mais detalhados foram elaborados pela Fundação João Pinheiro, instituição ligada ao governo de Minas Gerais, a partir de informações coletadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). De acordo com o levantamento, relativo a 2015, o déficit habitacional – ou seja, o número de moradias que precisam ser construídas – é de 76.305 em Curitiba e região.”<sup>4</sup>(GAZETA DO POVO, 2019, SITE OFICIAL)

---

<sup>4</sup> FONTES, Giulia. Moradias em falta e ocupações irregulares: o desafio da habitação em Curitiba e região. Gazeta do Povo, 03 de abr. de 2019. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/parana/desafio-habitacao-curitiba-regiao-metropolitana/>>. Acesso em 10 de out. de 2019

## 2. TEORIA E PRÁTICA – TRANSIÇÃO ENTRE A UNIVERSIDADE E A PRÁTICA NO CAMPO PERIFÉRICO

Nesse curto e sinuoso caminho pelo campo acadêmico somos apresentados a um universo de números e letras de difícil compreensão por grande parte dos estudantes egressos do ensino público, respeitáveis obras que nos levam a reflexão permanente sobre os *modus operandi* do sistema capitalista. Porém, distantes do habitat natural dos indivíduos objetos de estudos. A teoria não chega onde a prática se desenvolve, um *apartheid* intelectual que, apesar dos diversos programas de incentivo e inclusão, pouco ultrapassaram a intransponível cerca da universidade com a periferia. Sendo assim, peço a permissão na tentativa de desvendar códigos, derrubar cercas de arames farpados que separam teoria e prática, desbravando caminhos até então intransitáveis por mim e grande parte daqueles que me acompanham, facilitando a compreensão, possibilitando a narrativa desta pesquisa com base em experiências pessoais e coletivas, mas adotando algumas cautelas quanto a reflexão, pois a presença do autor sobre o campo de pesquisa não necessariamente o fazem compreendedor dos pontos cruciais sobre a realidade social.

### 2.1 BIOGRAFIA DO PESQUISADOR E RELAÇÃO COM O CAMPO DE PESQUISA

Com origem no Jardim Paloma, bairro periférico de Colombo – PR tive as primeiras experiências em relação às desigualdades sociais ainda na infância, mesmo sem compreender já notava as diferenças estruturais entre alguns bairros de Curitiba e a região metropolitana. Minha mãe sempre trabalhou fora, os cansativos caminhos de ônibus do Jardim Paloma ao Centro de Curitiba despertaram desde cedo alguns questionamentos, por exemplo, o por que não morávamos no centro de Curitiba, desse modo minha mãe chegaria mais rápido ao trabalho, economizando um bom tempo. A época essa pergunta foi respondida, mas não compreendida, apesar da inocência, havia em mim um incômodo em relação às desigualdades, talvez isso tenha me movido até aqui, as lutas e questionamentos intermináveis sobre os fatos. Na Sociologia, o pensador Alexis de Tocqueville utilizou de outro método para explicar e compreender os fatores da desigualdade, segundo o artigo

da pensadora Cesaltina Abreu, em trabalho escrito para a Revista Angolana de Sociologia:

“Tocqueville recorre à história para encontrar as origens da desigualdade. Divide a história em 3 fases: independência selvagem, etapa intermédia e liberdade política e civil – ou seja, a barbárie e a civilização, com uma fase intermédia, correspondente à Idade Média, durante a qual se originam (segundo ele) as causas da pobreza e da indigência”.<sup>5</sup>

A pouca idade não possibilitou ao menos naquele momento ter contato com este tipo de literatura, tampouco alguma outra, mas a realidade permitiu elaborar alguns questionamentos em meu imaginário.

Aos 10 anos, devido a perda da casa que até então era própria – de estrutura precária, mas própria – para o pagamento de dívidas inegociáveis, minha mãe abrigou eu e minhas irmãs na casa da minha avó, dona Hilda, moradora do Conjunto Habitacional Galha Azul, no Novo Mundo. Minha avó, vinda de uma cidade no sul do Estado de Minas Gerais, teve breve passagem pelo interior do Paraná, na cidade de Paranavaí, onde teve a primeira filha, Eliene, minha mãe. Ao final dos anos 1960, devido a necessidade do tratamento de uma doença, migrou para Curitiba em busca de auxílio médico, morou em uma pensão no Centro com ajuda da Liga Das Senhoras Católicas, além de desempenhar a função de doméstica. Meu avô fez “bicos” como vendedor de maçãs pelas ruas da cidade, até que souberam da possibilidade de aquisição da casa própria em um novo conjunto habitacional, Galha Azul. Esse foi um dos primeiros conjuntos habitacionais do Brasil, financiado por longos anos através do antigo programa habitacional do governo federal em conjunto com o governo municipal, o Banco Nacional de Habitação (BNH) e COHAB (Companhia de Habitação Popular de Curitiba). Neste local vivenciei parte da minha adolescência, com condições incontestavelmente melhores, ruas asfaltadas, saneamento básico, comércio próximo, reduzido índice de violência e com amplo espaço de lazer. É neste ambiente que eu tenderia a me acomodar em relação aos questionamentos da infância, correto?

Errado. Neste local ficaram mais nítidas as análises comparativas iniciadas por mim quando mais novo. Com acomodação para três pessoas originalmente, morávamos em dez: eu, minha mãe, duas irmãs, duas tias, avó e três primos. Como

---

<sup>5</sup> ABREU, Cesaltina. Desigualdade Social e Pobreza: ontem, hoje e (que) amanhã. Cap. 1. Revista Angolana de Sociologia, 14 de Maio de 2012

dito anteriormente, local com localização privilegiada, mas não era nosso. Minha mãe justificava ser passageira nossa estadia neste local, até que a situação melhorasse e pudéssemos adquirir a casa própria. De 2001 para 2019 se passaram 18 anos, e pelo visto a espera será interminável. Minha mãe aposentou-se, me formei historiador, minhas duas irmãs casaram, mas o sonho da casa própria não se realizou.

Devido ao tema narrado até então, a falta de habitação ser um dos principais problemas enfrentado pelos brasileiros, subtraindo aproximadamente 60% do seu salário.<sup>6</sup>, sobrevivendo reféns da especulação imobiliária e o aumento dos aluguéis, além é claro da aproximação e vivência pelas ruas do campo de pesquisa, tentarei limitar a pouco menos de 30 páginas a narrar parte da história de formação da Ferrovia, atravessando os bairros Portão, Novo Mundo e Cidade Industrial de Curitiba, desde as primeiras reuniões, formação das associações de bairros e favelas, surgimento do Partido dos Trabalhadores (PT), os embates com o poder público, criminalização das lideranças e estratégias de consolidação de uma das maiores áreas de ocupação irregular em Curitiba, ainda em processo de regularização, com grandes barreiras pelo caminho jurídico e político.

## 2.2 MIGRAÇÕES: DOS CAFEZAIS AOS CENTROS URBANOS

O Paraná era um estado de agricultura pouco diversificada, mesmo em meio ao período de forte industrialização não somente no estado, mas no país, grande parte do PIB local era fruto da produção agrícola, em especial, os cafezais. Era necessário diversificar a produção, modernizar a agricultura e encontrar outros meios de não ficar tão dependente do produto. Em anos anteriores a geada, o então governador no período, Ney Braga, adotou algumas medidas em busca desse objetivo, assim foi analisado pelo jornal Folha de Londrina:

“O frio afetou a maior parte da agricultura brasileira em 1975, mas em nenhuma outra região houve estrago igual ao que se viu no Paraná. Tanto que a geada, que despontou na tarde de 17 de julho e se consumou às

---

<sup>6</sup> NACIONAL, Jornal. Brasileiro gasta mais de 70% da renda com habitação, transporte e comida. G1, 04 de out. de 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/10/04/brasileiro-gasta-mais-de-70percent-da-renda-com-habitacao-transporte-e-comida.ghtml>>. Acesso em 14 de out. de 2019

primeiras horas de 18, se converteu no fator que mais apressou a mudança na agricultura do Estado.

Nos primeiros anos da década de 1960, o próprio governo estadual conduzia um “plano de diversificação da lavoura”, estimulando a mecanização e o uso de sementes selecionadas de soja, algodão e trigo. “Achávamos que um Estado sujeito a geadas não podia depender da monocultura cafeeira”, segundo o então governador Ney Braga.” (FOLHA DE LONDRINA, 2015, SITE OFICIAL)

Políticas de modernização foram adotadas, mas quase que ineficientes devido a tamanho prejuízo dos agricultores no campo, o frio intenso ainda no dia anterior já deixava sinais de que a noite seria extremamente gelada, com a queda repentina na temperatura, alguns produtores utilizaram as mais variadas estratégias para proteger os cafezais do frio que se aproximava, mas nada foi possível, o Estado que produzia cerca de 50% da produção nacional agora contabilizava os prejuízos, cerca de 200 milhões de pés de café foram totalmente perdidos, enquanto que outros 700 milhões foram severamente danificados, causando assim, um estrago que decretava o fim da produção cafeeira em larga escala no estado, encerrando um ciclo econômico que perpetuou durante anos, conduzindo não somente a economia, mas a política do Estado através das oligarquias locais.

Muitos pequenos produtores, imigrantes de estados como São Paulo e Minas Gerais, haviam vendido suas terras a um baixo preço antes mesmo da geada devastadora, atraídos pelo sucesso da produção cafeeira, tiveram enormes dificuldades para adquirir uma propriedade, utilizaram a grilagem de terras em busca do desenvolvimento e lucros através da produção e assim obter as condições necessárias para se ter uma vida ainda melhor, restou a tentativa de recomeçar a vida em outra cidade mais uma vez, com maior oferta de empregos e longe do campo, na capital do Estado, em Curitiba. Durante a gestão do prefeito Jaime Lerner, empossado pelos militares durante a ditadura civil-militar, ocorreram inúmeras obras de modernização na infraestrutura da cidade, revitalização de espaços públicos tradicionais, vias expressas exclusivas para os ônibus do transporte público - obra inovadora no Brasil naquele momento - e a criação do maior complexo industrial do Estado, a Cidade Industrial de Curitiba (CIC), inaugurada no ano de 1975. Localizada na região oeste da cidade, concentra grande parte das indústrias e cerca 10% da população de Curitiba, considerado o bairro

mais populoso da capital.<sup>7</sup> Com grandes vantagens ao setor empresarial, como por exemplo, isenção do Impostos sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) e do Imposto Predial Territorial Urbano (IPTU), foram bons atrativos para instalação de multinacionais, gerando milhares de empregos e atraindo uma grande quantidade de pessoas dispostas a trocar o interior agrícola pela capital urbana, resultando em um enorme crescimento populacional, muitas vezes desacompanhado do progresso e oportunidades de forma democrática, aumentando a desigualdade naquela que era anunciada ao Brasil como a Cidade Modelo a ser seguida pelas demais cidades.

A chegada à Curitiba foi marcada por inúmeras incertezas, longe das origens no campo, a cidade passava por um grande crescimento, mas com perfil socioeconômico bastante diferente se comparado a vida no campo. A construção dos primeiros grandes prédios, revitalização de espaços públicos e instalação de grandes multinacionais forçaram os trabalhadores do campo a se adaptarem a vida urbana, mas com muitas dificuldades, a crise que iniciou no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, fez com que aumentasse muito a desigualdade social. O arrocho salarial, a perda do poder de compra e a criminalização do movimento operário durante a ditadura dificultaram muito o processo de adaptação, a especulação imobiliária foi outro fator decisivo, com a elevação no valor de compra dos imóveis e aumento no valor dos aluguéis, as economias das terras vendidas no interior não era o suficiente para conduzir a vida em um ambiente urbano, o retorno às origens agrárias era pouco cogitado, após a grande geada houve um intenso êxodo rural, famílias inteiras largaram o que restou para trás, a possibilidade no momento era a vida urbana, mas os obstáculos seriam imensos. Sem oportunidades e de difícil adaptação assim narrado no trabalho de Celene Tonella:

“A primeira delas é aquela do migrante recém-egresso do meio rural e que se dirige para a periferia dos municípios de porte médio em busca de formas alternativas de sobrevivência. Estes trabalhadores, expulsos de seu habitat ancestral, não possuem as ferramentas mentais necessárias para sobreviver num espaço hostil. Nas palavras de Chauí (1986), os migrantes são submetidos à invalidação cultural pelo processo de trabalho, há uma desqualificação do conhecimento trazido do campo e das pequenas cidades. O equipamento social, na situação de cidadão, torna-se inútil e o migrante se vê forçado a adquirir novos. Num trabalho de 1976, Durhan

---

<sup>7</sup> CURITIBA, Prefeitura. CIC Tem mais moradores que cidades como Guarapuava e Paranaguá. Site Oficial, Curitiba, 17 de jun de 2017. Disponível em: <<https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/cic-tem-mais-moradores-que-cidades-como-guarapuava-e-paranagua/42472>>. Acesso em: 20 de out. de 2019

discute que, para o trabalhador obter colocação no mercado de trabalho, ele precisa não só aprender novas técnicas como adquirir padrões culturais novos, que se manifestam por meio de novas normas de relações sociais e de valores. Descontando-se a crescente dificuldade em se colocar no mercado formal de trabalho por conta da falta de empregos, o trabalhador migrante enfrenta adicionalmente o problema de ter o reconhecimento legal de sua condição. Isto é, à medida que o trabalho se organiza burocraticamente, exige-se do trabalhador uma qualificação mínima, ele necessita oferecer documentos para o empregador: carteira de identidade, carteira profissional, título de eleitor, certificado de reservista para os homens, etc. (Durhan, 1976). Diante de tamanhos esforços, a tendência generalizada é o subemprego e a marginalidade ocupacional: serventes de pedreiro, "chapas" (carga e descarga de caminhões), catadores de entulhos e papéis, jardineiros e diaristas. (Duas décadas de ocupações urbanas em Curitiba. Quais são as opções de moradia para os trabalhadores pobres, afinal? Celene Tonella, 2010)

A região central da cidade estava ocupada por inúmeros prédios e empreendimentos comerciais, poucos eram os imóveis destinados à moradia, o que restava era inacessível a realidade econômica dos retirantes, muita procura, pouca oferta, valor elevado e poder de compra reduzido, o que restava como alternativa de permanência - e sobrevivência - em Curitiba eram os bairros mais afastados da região central, região metropolitana passou a receber um grande número de habitantes, mas o destaque devido a proximidade com o centro se comparado com a região metropolitana, com grande número de indústrias se instalando na região e com uma extensa área desabitada foram as regiões sul e oeste, em especial os bairros Cidade Industrial de Curitiba (CIC), Novo Mundo e Vila Guaíra. Há outros bairros obviamente que poderíamos mencionar, mas por uma questão de recorte geográfico, limitarei a abordar esses e demais entorno, mas sempre utilizando outros exemplos como referência caso necessário. Nesta região se encontra os principais focos de reivindicações e resistências, ao longo dos trilhos desativados, utilizando a ferrovia como estrada nessa viagem historiográfica-sociológica que iremos desenvolver neste trabalho, do passado ao presente, dos barracos de lona preta aos castelos de madeira, a construção de uma das maiores áreas de ocupação irregulares em Curitiba passa necessariamente pela formação da Ferrovila, o foco desta pesquisa e berço das associações de bairros e favelas de Curitiba.

### 2.3 UNIÃO GERAL DAS FAVELAS: A LUTA ALÉM DAS MORADIAS

O Brasil passava por um período extremamente conturbado, arrocho salarial, crise econômica, perda do poder de compra dentre inúmeros retrocessos devido ao mal desempenho dos militares no governo, a tentativa de organização para protestar contra qualquer que fosse a pauta de reivindicação era de grande risco, com possibilidades de ser preso e responder judicialmente pelos atos, mas há quem enfrentasse os medos e riscos, o momento necessitava, é nesse contexto na região da Vila Formosa, localizada no Novo Mundo que surge uma das maiores lideranças nas mobilizações em defesa dos desprivilegiados economicamente, Jairo Graminho de Oliveira, coordenador geral das associações de bairros de Curitiba. Graminho foi um dos responsáveis pelas mobilizações em comemoração ao 1º de maio, dia internacional dos trabalhadores. Por melhores salários, estabilidade de emprego, direito ao voto e fim das perseguições políticas, os atos mobilizaram milhares de trabalhadores, cerca de 20 associações de bairro recém formadas estiveram na Praça 10, localizada na Vila Nossa Senhora da Luz, no CIC, no dia 1º de maio de 1979. Lideranças da Vila Oficinas, São Brás, Jardim São Carlos, Capão da Imbuia e Vila Ipiranga estiveram presentes no ato, com discursos afiados, em sua grande maioria exigiam o fim das intervenções do governo nos sindicatos e arrocho salarial, mas também melhores condições de vida para toda a população.<sup>8</sup>

Organizações como essa se espalharam pela cidade, a necessidade de discutir e organizar mobilizou pessoas de diversos bairros, criando assim a União Geral: unidade e luta dos moradores de bairros. Com sede na Vila Formosa, a união tinha como pauta central a legalização dos terrenos em áreas ocupadas pelos moradores, mas também reivindicar melhor planejamento urbano, com direito a água, rede de esgoto, saúde, educação, empregos e cestas de alimentos básicos direto do produtor, condições mínimas necessárias que mais tarde se tornaram um direito básico na Constituição Federal de 1988.

---

<sup>8</sup> 1º DE MAIO: Por melhores salários. Jornal Correio, Curitiba, 16 de abr. de 1979. Arquivo Pessoal. Acesso em: 17 de out. de 1979

FIGURA 1: ANGELO VANHONI, JAIRO GRAMINHO E JORGE SAMEK



FIGURA 2: INAUGURAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DA VILA FORMOSA



As organizações contaram com grande colaboração de pessoas ligadas ao meio político, como por exemplo, Jorge Samek, filiado ao PT e eleito quatro vezes vereador em Curitiba, Angelo Vanhoni, também filiado ao partido, Edésio Passos, um dos fundadores do partido no Estado, Doático Santos, que mais tarde seria eleito vereador pelo Partido Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e preso devido à

ocupação da COHAB<sup>9</sup>, Roberto Requião e diversos outros nomes de fundamental importância na fundamentação desse processo. Há também a crítica e acusação de oportunismo por parte de algumas lideranças locais em relação à participação política nas ocupações, fato este confirmado através de diálogo realizado com o senhor Jairo Graminho. Mas de fato, a pluralidade de ideias, experiências e a vivência periférica desenvolveram um dos maiores movimentos na cidade. Curitiba que já foi palco de manifestações extremamente conservadoras passava também a sediar um grande foco de resistência em relação aos avanços do neoliberalismo, mesmo sem saber, cada morador e moradora desenvolveu na prática o que Karl Marx classificou como motor da história: a luta de classes.

Em uma análise objetiva, o autor deste trabalho compreende a organização dos moradores como parte das teorias descritas pelo pensador Karl Marx, o enfrentamento à especulação imobiliária nas mãos do capital, consciência sobre a necessidade de lutar, resistir e existir em prol de um direito básico do proletariado: o acesso a moradia com condições de permanência, é um dos princípios básicos para se pautar outros segmentos que também requerem organização, consciência, luta e disputa, como por exemplo, o combate às desigualdades, denúncia as repressões por parte das forças de segurança do Estado, direito a saúde, educação e habitação. Disputar a cidade, visando a democratização dos espaços em direito ao coletivo.

A organização se estruturou de tal forma, estendeu seus tentáculos aos locais mais distantes do Centro Cívico e bairros nobres, possibilitando a união de milhares de vozes dos inviabilizados socialmente pelo poder público, ecoando assim, o grito dos excluídos. Por diversas vezes esses trabalhadores e trabalhadoras foram alvo de ofensas e preconceito, indagados se não trabalhavam, pelo fato de estarem organizados de forma coletiva em prol de um bem comum, em combate ao descaso por parte do poder público. É grande a repulsa por parte daqueles que já conquistaram sua casa própria, alegando que através de muito esforço é possível obter a mesma conquista. O pensador Pierre Bourdieu classifica fatos como esse de Poder Simbólico, onde através da narrativa e outros meios como política, religião e língua é possível convencê-los de que o fracasso é o resultado do

---

<sup>9</sup> SAMPAIO, Ahirton. Doático é preso em invasão da Cohab. Cidades, Jornal do Estado, Curitiba, 14 de dez. de 1995. Acesso em: 20 de out. de 2019, ARQUIVO PESSOAL.

esforço de cada um. Nota-se o convencimento dessa narrativa por aqueles que estão no poder, mas principalmente por aqueles que são explorados pelo poder.<sup>10</sup>

Mas não é exatamente isso que comprovam os dados e depoimentos, algo que iremos aprofundar com o devido cuidado nos próximos capítulos. Assim como o capitalismo transforma direito em mercadorias, há a necessidade de vestir a *carapuça* de derrotado aos que não atingem seus objetivos e sonhos de consumo, fazendo acreditar que o fracasso é fruto da falta de esforço e qualificação do indivíduo, anulando possibilidades de sonhos e conquistas. A luta além de estrutural se torna cultural, sendo necessária a conscientização e informação como forma de obter apoios, agregar um número cada vez maior de pessoas que sofrem diariamente com a falta de moradias e demais problemas que afetam a população periférica de Curitiba e região metropolitana.

#### 2.4 CARTA DA FAVELA: DO APARTHEID SOCIAL À INVISIBILIDADE

Curitiba mais que dobrou a população periférica na transição da década de 1970 para 1980, segundo dados da COHAB, em 1980 havia aproximadamente 51 favelas espalhadas pela cidade, com uma população que passava de 31 mil pessoas<sup>11</sup>, o crescimento desordenado, as ocupações espalhadas são diretamente atribuídas ao êxodo rural, aliada a falta de um plano de ação visando à permanência dessas famílias no campo. Outro fator importante é a especulação imobiliária, com o aumento dos aluguéis e a crise econômica, aumenta o número de famílias que não se encontram mais em condições suficientes para arcar com o custo de moradia, encontrando nas ocupações o modo viável no momento para ter onde morar, em que as opções são quase que inexistentes.

As ocupações enfrentam os mais diversos problemas de infraestrutura: esgoto a céu aberto, falta de água encanada, violência, pouca oferta de creches e sem um planejamento urbano que possibilite um crescimento organizado, além de em sua grande maioria, serem distantes da região central, o que dificulta o deslocamento até os grandes comércios, locais de trabalho e serviços públicos.

---

<sup>10</sup> DIAS, Rodrigo. Bourdieu: um clássico ainda não reconhecido como tal. Blog Sociologia e Antropologia. Acesso em: 06 de nov. de 2019

<sup>11</sup> CORREIO de Notícias, O plano de Desfavelamento anunciado ontem está completo em opções para o morador, mas atinge apenas 40% do total. 1º de abr. de 1980, Curitiba, 8p.

Talvez um programa habitacional abrangente resolvesse a situação, mas os recursos destinados a situação habitacional não atingem a quantidade de pessoas necessárias.

Em seu mandato Jaime Lerner apresentou uma proposta prometendo acabar com o problema da favelização em Curitiba, com a participação do setor privado, propuseram algumas alternativas em meio à crise:

1. Urbanização das áreas pertencentes a prefeitura e ocupada pelos barracos. Mas sem especificar quais serviços acompanham essa urbanização;
2. A possibilidade de aquisição de um terreno não muito distante do centro junto a COHAB. O detalhe é que as ofertas de terrenos infelizmente estão sim longe das áreas centrais da cidade;
3. A compra dos terrenos particulares ocupados, mas com ajuda na facilitação da negociação e venda destes terrenos juntos aos proprietários. Para isso o terreno precisa estar regularizado, a venda deve atender ao valor de mercado. Ou caso seja possível, disponibilizar outro terreno em outra área e que possa servir de moradia aos moradores das ocupações escolhidas pela prefeitura para serem atendidas.

O coordenador nacional do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), Guilherme Boulos, destaca que em meio a situações próximas a essa proposta pela Carta da Favela, quem mais se beneficia da situação são os proprietários da terra, da seguinte maneira:

1. Venda de lotes: os proprietários, muitas vezes grileiros de terras públicas, tomavam posse de grandes terrenos em áreas rurais e urbanizaram, o que eleva ainda mais os valores;
2. Valorização do terreno intermediário: as áreas que ficavam no meio do caminho dos novos loteamentos foram vendidas por valores inacreditáveis, muito mais elevado ao que foi pago anteriormente, são os bairros de classe média, inacessível aos pequenos trabalhadores;
3. Valorização das áreas centrais: ao remover os pobres do centro, o valor dos imóveis subiu muito, o trabalhador deixou de poder pagar por um aluguel no centro, que virou propriedade quase que exclusiva dos ricos.<sup>12</sup>

As análises de Guilherme Boulos em sua grande parte se encaixam dentro do contexto curitibano, mas há de se fazer as devidas ressalvas quanto algumas situações para não cometermos alguns equívocos: a região central de Curitiba abrigou duas favelas, Vila Capanema e parte do Parolin. Apesar do plano de ação dos governos posteriores para remoção da Vila Capanema, grande parte permanece nos locais de origem, já que o plano de remoção e realocação não atingiu os

---

<sup>12</sup> BOULOS, Guilherme. Como as cidades se desenvolveram. Porque ocupamos? 2012, 27p.

moradores em sua totalidade. Há também a recusa por parte daqueles que compreendem que o deslocamento para outras regiões, como por exemplo, a Vila Osternack, extremo sul do Sítio Cercado, tornaria mais distantes as chances por oportunidades de trabalho e acesso a área central. Mas voltando ao ponto central deste capítulo, houve críticas pela exclusão da associação de moradores de bairros na execução do projeto, a falta de conhecimento prático sobre as ocupações, o fato de atingir apenas 40% do total de moradores, levou ao fracasso qualquer possibilidade de negociação ou resolução dos problemas habitacionais até aquele momento. A pesquisadora e educadora Elisângela Iargas, através de sua tese de mestrado pela UFPR exemplificaram da seguinte maneira alguns pontos problemáticos da Carta da Favela:

“O movimento das “Associações de Moradores e Amigos de Bairros”, também fez circular um documento de repúdio à “Carta da favela”, Por que o prefeito Jaime Lerner apresentou a carta da favela sem discutir com as Associações de Moradores de Bairros. Neste documento, que entre outras questões trazia a problemática da creche, a Associação fazia críticas à administração do então prefeito e salientava: Ao contrário do que se afirma na “Carta da favela”, as Associações de Moradores não foram ouvidas (...) É preciso que se diga que as 10 creches já construídas atenderão a uma parcela mínima do total de crianças existentes em nossas vilas. Mais grave nrecusado a ouvir nossas sugestões sobre o plano das creches (ASSOCIAÇÕES DE MORADORES E AMIGOS DE BAIRROS E VILAS DE CURITIBA, 1980, p. 1-2)”.<sup>13</sup>

Uma das críticas que precisam ser destacadas é a falta de diálogo entre poder público e moradores, prática comum em diversos momentos da história do Brasil. O processo de urbanização é necessário, mas torna-se ineficiente em situações que se exclui a participação popular, o diálogo se faz necessário, o conhecimento técnico dos engenheiros junto ao conhecimento real do local possibilitam a chegar em comum acordo, atendendo aos principais afetados e interessados em sanar os reais problemas habitacionais em meio a um vasto campo a ser organizado, descriminalizado e regularizado, não somente frente ao poder público, mas a comunidade entorno, afinal, as mudanças afetam de forma direta os moradores das ocupações, mas também atingem o comércio, mobilidade urbana, necessidade de escolas, creches e demais recursos estruturais necessários para o bom desenvolvimento daquela localidade.

---

<sup>13</sup> IARGAS, Elisângela. Educar a infância: estudo sobre as primeiras creches públicas da rede municipal de educação de Curitiba (1977-1986). 2012, 27p.

## 2.5 DESATIVAÇÃO DA LINHA FÉRREA: DA REURBANIZAÇÃO À OCUPAÇÃO

A partir do início do século XX, Curitiba passou a ser considerada um importante ponto da malha ferroviária, pela qual passavam diversos vagões carregados com destino ao Porto de Paranaguá, uma importante ligação entre o litoral, região metropolitana e Campos Gerais. Este tipo de transporte foi sendo substituído gradativamente com o avanço de outros meios de transporte, os grandes vagões que trafegavam pela capital interrompiam os cruzamentos das vias mais movimentadas da cidade, com destaque para a região central e o bairro Portão.

Visando um processo de reurbanização e adaptação da malha ferroviária, algumas linhas foram desativadas. Em 1989, a prefeitura Municipal adquiriu a faixa de domínio de 40 metros de largura do ramal ferroviário desativado do bairro Parolin à Cidade Industrial para implantar um programa de habitação popular denominado Ferrovila.<sup>14</sup> Este programa previa a construção de apartamentos para cerca de 10.000 famílias através de uma parceria entre o poder público e empresas privadas. O município negociava a um baixo valor, visando a construção de moradias populares aos funcionários de baixa renda.

A primeira empresa a aderir ao programa foi o antigo Banco Bamerindus, que construiu quatro conjuntos de apartamentos e em 1991, já havia entregue metade das 400 unidades negociadas

O início da década de 1990 apresentava sinais nítidos de que a questão habitacional seria o grande entrave a ser solucionado entre Prefeitura e famílias que esperavam há anos na fila da COHAB pela oportunidade de aquisição da casa própria de acordo com a possibilidade de pagamento de cada um. O número de ocupações aumentava a cada ano, junto ao crescimento populacional. A demanda por moradias era maior do que a capacidade ofertada, famílias inteiras depositavam suas esperanças nos programas habitacionais desenvolvidos naquele período, uma espera longa e interminável. Outro fato curioso que marca as vésperas da formação da ocupação na Ferrovila é o cenário político na corrida para a prefeitura da cidade

---

<sup>14</sup> OLIVEIRA RUIZ, Gabriel. Memória Ferroviária em Curitiba: análise da retirada dos trilhos da RFFSA no perímetro urbano. 14 de maio de 2013. Disponível em: <[https://www.academia.edu/13079143/Mem%C3%B3ria\\_ferrovi%C3%A1ria\\_em\\_Curitiba\\_PR\\_An%C3%A1lise\\_da\\_retirada\\_dos\\_trilhos\\_da\\_RFFSA\\_noper%C3%ADmetrourbano](https://www.academia.edu/13079143/Mem%C3%B3ria_ferrovi%C3%A1ria_em_Curitiba_PR_An%C3%A1lise_da_retirada_dos_trilhos_da_RFFSA_noper%C3%ADmetrourbano)>. Acesso em: 11 de nov. de 2019

no ano de 1988, faltando pouco mais de duas semanas para as eleições três candidatos renunciaram a disputa em favor do arquiteto e urbanista, Jaime Lerner. Lerner já tinha governado a capital anteriormente, nomeado pelos militares, fez um mandato marcado pela industrialização de Curitiba. Desta vez os obstáculos seriam ainda maiores, com apenas 12 dias de campanha, levando o slogan “Coração Curitibano”, reeditado da campanha de 1985, Lerner percorreu alguns bairros com a promessa de atender as reivindicações populares. Com a ajuda de Deputado Estadual pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT), Rafael Greca firmaram compromisso registrado em nota emitida através da Assembleia Legislativa, com os líderes comunitários em atender com urgência as demandas por moradias. Este documento encontra-se nos arquivos da advogada Ana Célia, no qual destaco o seguinte trecho:

“Companheiros líderes de comunidade:

A pedido do companheiro Paulino Pastre, o prefeito Jaime Lerner pede que lhes escreva assumindo o compromisso de implantar, quando eleito, após um prazo de obtenção de recursos e planejamento, o programa do PDT de CADA FAMÍLIA UM LOTE, E DO MERCADÃO DA CONSTRUÇÃO POPULAR – ISTO E DO MATERIAL DE CONSTRUÇÃO - , in isto significa que o prefeito Jaime Lerner, através de minha palavra de líder do PDT na Assembleia Legislativa do Paraná e de seu coordenador de campanha, assume o compromisso prioritário com habitação popular. Queremos pedir desculpas caso o prefeito antes da eleição não possa ir ai, pois nossa campanha é de apenas 12 dias, mas lembramos que o prefeito Jaime Lerner já foi a diversas comunidades de invasão, onde as famílias abrigam sob lonas pretas, para significar sua solidariedade com quem não tem onde morar, lembramos ainda que Jaime Lerner é consultado pelos países mais pobres do mundo para definir prioridades de casas populares. Fica o médico Paulino Pastre credenciado por nós a enviar as comunidades esta comunicação” Rafael Greca de Macedo, líder do PDT no PR (Greca, Rafael. 1988)

O forte apelo através de Greca traduz parte do que foi a campanha de Lerner nesses 12 dias, passar a imagem de um candidato popular, solidário as pautas por moradias. Jaime Lerner lançou como proposta “UM LOTE POR FAMÍLIA POR DIA”, dando garantias – sem necessariamente explicar como faria – de que as famílias que moravam em áreas irregulares e estavam há anos na fila da COHAB em breve poderiam realizar o sonho da casa própria. Lerner venceu as eleições, não cumpriu com sua promessa na totalidade e mais tarde se posicionaria contrário a ocupação da Ferrovia, fato este que iria ocorrer anos mais tarde.

## 2.6 OCUPAÇÃO DO CARTÃO POSTAL: DAS BARRACAS DE LONA PRETA AOS CASTELOS DE MADEIRA

Diante da promessa não cumprida, aumentaram consideravelmente as mobilizações na pressão ao prefeito para que as pautas por moradias fossem atendidas em sua totalidade, a União Geral de Bairros de Curitiba e Região Metropolitana buscou mobilizar o maior número de pessoas possíveis em um ato que ficaria marcado na história da cidade que nos dias atuais é intitulada por alguns segmentos da sociedade como conservadora, tendo tendências voltadas para o lado direito no jogo político. Capital da contestada Operação Lavo Jato, Curitiba também é palco de mobilização, resistência e luta por moradias populares. Em assembléia com as lideranças comunitárias sem moradias, ficou definido que, como forma de pressionar o prefeito e expor a gravidade dos problemas habitacionais existentes em Curitiba, a população sem teto iria realizar um ato em um dos principais cartões postais de Curitiba: o calçadão da Rua XV. A ação necessitava quantidade humana suficiente, coragem, enfrentamento e mantimentos que os manteriam naquele ambiente o tempo que fosse decidido pelas lideranças em conjunto com os demais organizadores. Através dos relatos não foi possível apontar o dia exato, pois há divergências nos depoimentos coletados quanto ao dia do ato, mas é possível ter um diagnóstico próximo através do jornal “Lona Preta”, elaborado, escrito e distribuído pelas lideranças que compunham o principal coletivo por moradias de Curitiba, já citado aqui anteriormente. Informações dão conta de que, nos dias 14 e 15 de junho ocorreu o ato para pressionar o prefeito a cumprir com suas propostas de campanha acerca dos problemas habitacionais não sanados pela prefeitura até aquele momento. Através do jornal, houve uma convocação em massa para que todos comparecessem ao ato que, até então, deveria durar apenas o final de semana, mas que, diante do impasse junto ao poder público, a recusa pelo diálogo por parte da prefeitura, Curitiba amanheceu coberta de barracas de lona preta em seu importante ponto turístico, em um período que a cidade recebe grande quantidade de turistas, atraídos pelas feiras gastronômicas, belos parques e clima gelado próximo ao rigoroso inverno curitibano, fatos que colocam Curitiba como a cidade mais europeia do Brasil segundo alguns segmentos.

Acreditava-se que diante da pressão e mancha no cartão postal da cidade, em breve o movimento seria recebido pelos órgãos responsáveis pela política de

moradias para iniciar o diálogo solicitando a saída dos manifestantes e a retomada das negociações visando a resolução dos problemas habitacionais. Sem sucesso. Após pouco mais de 15 dias, a prefeitura não os recebeu, o movimento enfraqueceu naquele momento e houve a tentativa de criminalização das lideranças, sendo constante as ameaças aos manifestantes para que se retirassem do calçadão da Rua XV. Ao menos naquele momento, o movimento era derrotado, mas saía calejado pela luta, mobilização e possibilidade de organização, dentro das condições existentes naquele momento.

O contraste do calçadão, conhecido pela sua moderna arquitetura, belos canteiros com orquídeas selecionadas, palco do movimento “Diretas Já!”, também seria conhecido como palco dos “Barracos de Lona Preta”, o que faz jus a parte do título deste trabalho. Após grande impasse entre prefeitura e entidade que representa as pessoas em busca de moradias, é organizada uma grande ocupação, muito por conta do fracasso na tentativa de diálogo com o prefeito Jaime Lerner. Cerca de 3.500 famílias, simultaneamente, ocuparam todo o eixo ferroviário, do bairro Portão até a Cidade Industrial, de modo espontâneo a organizado, narrado assim em um artigo:

Sem o respaldo do poder público, na madrugada do dia 7 de setembro de 1991, em uma ação coordenada pela União Geral dos Bairros, uma entidade de representação comunitária, promoveu a ocupação de 14 km da faixa de domínio do extinto ramal Curitiba – Araucária por 3.500 famílias.

O engenheiro Gabriel Ruiz de Oliveira, formado pela UTFPR, ressalta o caráter político da ocupação:

“A invasão planejada recebeu o apoio de um grupo de vereadores vinculados a partidos políticos que faziam oposição à prefeitura da época, alegando a ausência do poder executivo na produção de habitação social”.<sup>15</sup>

Certamente o comentário do engenheiro tenha sentido em parte de suas palavras, há ausência do poder público na resolução de problemas habitacionais, um direito básico previsto na constituição federal, mas que não se estende em sua totalidade aos mais necessitados, ficando restrito a um número mínimo atendido

---

<sup>15</sup> OLIVEIRA RUIZ, Gabriel. Memória Ferroviária em Curitiba: análise da retirada dos trilhos da RFFSA no perímetro urbano. 14 de maio de 2013.

pela COHAB. Na continuidade desta análise, é nítida a falta de conhecimento – se é que há o interesse em se fazer conhecedor da causa –, Ruiz desconhece da realidade prática daqueles que vagam pelo solo infértil das promessas de campanha do prefeito Jaime Lerner, pois a espera é árdua, cansativa e em alguns casos, não é atendida.

Importante ressaltar em meio a reta final para que o trabalho fosse realizado, dois personagens foram fundamentais na busca pela originalidade dos relatos e fatos ocorridos na capital durante aquele feriado de ocupações. O Senhor Jairo Graminho, apesar de vagas lembranças, no alto dos seus 93 anos, descreveu alguns fatos memoráveis em relação a organização que daria início a uma das maiores ocupações já ocorridas na capital, e a advogada Ana Célia, também contou um pouco das estratégias adotadas como forma de não permitir a rápida chegada dos órgãos de segurança do Estado e veículos de comunicação, o que poderia frustrar os planos elaborados e executados pelas famílias da noite para o dia, temendo uma reintegração de posse ou até mesmo a desocupação sem ordem judicial alguma, apenas utilizando dos aparatos de repressão como forma de atender as solicitações daqueles que tinham a posse do terreno: prefeitura municipal de Curitiba e Banco Bamerindus.

O sociólogo, Max Weber descreve em suas análises de que, O Estado detém o monopólio da violência, dando a ele a permissão para agir em benefício dos privilegiados economicamente, os maiores interessados em não permitir a posse de uma área que atravessa entorno de quatro bairros de Curitiba.

As lideranças utilizaram como estratégia o cadastramento destas famílias, visando manter a organização e evitar que algo desse errado. Um fato curioso, como forma de retardar a chegada da polícia militar e evitar que ocorresse uma reintegração, os moradores se espalharam pela região, utilizando dos telefones públicos passaram a acionar a prefeitura, polícia militar e veículos de comunicação, denunciando que estaria ocorrendo ocupações em diversos pontos da cidade, mas em bairros distantes a região da Ferrovia, como por exemplo, Santa Cândida, extremo norte da cidade, Santa Felicidade e Campo Cumprido. Por alguns instantes a isso ajudou a evitar o envio de um grande efetivo policial para a região, o que possibilitou a completa ocupação, se estendendo ao longo da ferrovia desativada. Milhares de famílias levaram os poucos pertences consigo e passaram a se instalarem na ocupação, o trabalho coletivo foi de fundamental importância, famílias

se ajudaram na construção de seus barracos, alguns fornecendo parte das sobras de materiais de construção, outros apenas com a mão de obra, mas de grande valor aos que passaram a depositar suas esperanças na realização deste sonho. Ao longo da ferrovia, era incontável o número de pessoas, barracas improvisadas, lonas pretas e o semblante desgastado por parte daqueles que não acreditavam mais nas possibilidades de resolução por parte da COHAB. Famílias estavam há anos na fila, mas que não haviam sido atendidas. A maior insatisfação era pelo fato da prefeitura não dar conta da demanda por moradias para famílias com renda entre 1 a 3 salários mínimos. Em reportagem exibida pelo BOM DIA PARANÁ, jornal matinal exibido na filiada da TV Globo no Estado<sup>16</sup>, é nítido no semblante dos entrevistados o desespero e a revolta por tamanha espera, fazendo com que a mobilização popular pressionasse os órgãos públicos na busca pela resolução do problema. Durante a exibição da reportagem, o prefeito Jaime Lerner deu uma entrevista por cerca de 8 minutos, explicando de que a prefeitura já havia destinado aquela área para construção de moradias populares, mas que, devido a ocupação, a situação ficaria inviável. Lerner atacou políticos da oposição, alegando que esta era uma tentativa de manchar a imagem da cidade durante a sua gestão. Em meio aos ataques, também apresentou alguns números, de que a COHAB já havia atendido cerca de 13 mil famílias, e que tinha condições de atender mais 40 mil, mas não atendeu, fato que levou ao estopim da ocupação. Lerner chamou de “indústria da invasão”, optando pelo ataque ao invés do diálogo e resolução do problema. O prefeito se mostrou otimista quanto a reintegração de posse que seria solicitado ao poder judiciário, situação que se arrastaria por anos, mas sem um comum acordo.

Seguindo a mesma linha, o deputado Rafael Greca declarou que a ocupação estava servindo de “rede para pescar votos”, em alusão aos vereadores que de forma direta, apoiaram a formação da ocupação. Greca faz a acusação, sem apresentar provas, de que famílias inteiras estavam sendo trazidas do interior do Estado para ocupar a área, alertando de a situação poderia levar a uma guerra civil entre os que estavam na fila da COHAB a espera de um imóvel e aqueles que não estavam cadastrados. Não há como negar que, pessoas dentro do movimento também utilizem das ocupações como forma de obter e comercializar lotes, o que é

---

<sup>16</sup> Entrevista do prefeito Jaime Lerner no BOM DIA PARANÁ. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YCjyZxzPbSY>>

condenável pelo movimento, mas em número reduzido, ocorre. É importante que se compreenda que, em sua grande maioria, a Ferrovia surge em meio a um ambiente de grave crise econômica no Brasil, logo após a redemocratização, necessidade de moradias aos que são desprivilegiados economicamente, das pessoas que não tem mais a possibilidade de pagar pelo elevado valor dos aluguéis em uma das cidades com o metro quadrado mais caro do Estado. Fugindo do isolamento habitacional, milhares buscaram na ocupação a chance de moradia, contornando os trilhos desativados.

Ao leitor que me acompanhou até aqui, é bem possível que ocorra o questionamento da origem destas pessoas, no sentido de desvendar o local de moradia anterior a ocupação, se estas famílias já não possuíam algum imóvel anteriormente e os motivos que levaram a opção pela Ferrovia, dentro deste contexto, a dúvida se faz necessária, não somente como modo de informação, mas de conscientização sobre a luta por moradias na cidade de Curitiba, o que contribuí para a contextualização dos fatos. A origem destas famílias é bastante diversa, há casos em que já ocupavam as margens da linha do trem antes mesmo de surgir a Ferrovia, é o caso do Aguiar Lopes Ribeiro, morador desde 1988, antes mesmo da desativação completa das linhas férreas. Aguiar veio de Apucarana poucos anos após a Geada Negra que devastou os cafezais. Devido a perda da produção, a proximidade com parentes que já moravam na capital e a busca por emprego, Aguiar passou a morar de aluguel na região da Vila Formosa, a poucas quadras do eixo de ocupação. Segundo relatos do morador, um dos atrativos foi a forte propaganda feita sobre Curitiba, naquele momento despontava como “Cidade Modelo”. Aguiar teve conhecimento da possibilidade de garantir um lote meses antes da efetiva ocupação. Inicialmente trabalhou em uma desativada fábrica de portas na região do Capão Raso, depois conseguiu um emprego de cobrador, ganhando naquele momento um salário mínimo, insuficiente para suprir todas as necessidades da família em gastos com alimentação, moradia, vestimentas, saúde e lazer. Além de Aguiar, outro morador que pediu para não ser identificado, veio de outra ocupação, onde hoje se encontra o bairro do Xapinhal, no Sítio Cercado, mas que, devido à proximidade com a região central, resolveu junto a esposa e dois filhos “tentarem a sorte” em busca de um lote, segundo palavras do entrevistado. Diante do diálogo, é perceptível a desconfiança em repassar algumas informações quanto ao campo de pesquisa. Mesmo após quase 30 anos, a área ainda não foi

regularizada, o que provoca um receio bastante grande quanto a um possível despejo. O maior desejo ainda é da regularização, alegando que não querem esse direito de graça, que possam pagar por isso, de acordo com suas possibilidades, mas que dê a segurança e garantia de não ocorrer mais o despejo, com a realização do sonho de aquisição da casa própria, após anos de luta e resistência. É possível identificar através do contato com moradores de que a Ferroviária surge em meio a necessidade não apenas de moradias, mas na disputa pela proximidade com os locais de trabalho nas grandes indústrias da CIC, lojas e comércio em geral na região central, mas, em análise, pela oportunidade de estar próximo ao progresso, ter visibilidade por parte do poder público, visando a resolução das principais dificuldades enfrentadas pelos moradores, a necessidade de proximidade com hospitais, bairros considerados nobres, como é o caso do Portão, acreditando que os investimentos em infraestrutura que viessem a ser realizados no bairro, conseqüentemente também alcançariam aqueles que encontram na ocupação a possibilidade de moradia e a conquista da casa própria.

Os dias posteriores a ocupação fora tomada pelo medo e incertezas quanto ao futuro, o medo do despejo e repressão por parte dos órgãos de segurança pública, medo de perder tudo o que já havia sido investido em materiais como, lona, madeiras, cercas etc. Incerteza sobre as reais chances de permanência, construção completa e conquista da escritura dos imóveis. Diversas desocupações ocorrem de forma ilegal, sem uma ordem judicial, apenas utilizando da truculência militar, mas por ser uma área bastante grande, atravessando diversos bairros, era muito difícil efetuar o despejo por completo, se desocupava em um eixo, ocupava-se em outro. Desocupava-se na quinta-feira, no sábado ocupava-se novamente. A organização, enfrentamento e persistência consolidaram a Ferroviária na “Cidade Modelo”. Como tentativa de intimidar os moradores, a prefeitura com a atuação da polícia militar passou a prender moradores que se recusavam em deixar a área, o que ocorreu também com as lideranças, percebe-se a criminalização do direito à moradia, algo recorrente na história do Brasil, onde situações sociais são tratadas como *casos de polícia*, método recorrente, antigo e atual, quase nunca saindo de cena no que diz aos problemas sociais no país. Houve grande mobilização de um coletivo de advogados pela libertação dos presos, Dra. Ana Célia, Gleisi Hoffmann e Edésio Passou são alguns dos nomes que enxergam na luta por moradias um direito

inviolável a todo cidadão, dando todo suporte jurídico em meio aos entraves com a prefeitura.

Durante o processo de consolidação, e até como forma de obter maior controle e organização, a Ferrovia foi dividida entre eixos de cooperativas, devido a extensão da área ocupada, inicialmente do Parolin ao CIC. Após ocuparem a área, a maior dificuldade agora era entorno da permanência, visto o fato de que a região não contava com saneamento básico, água encanada ou qualquer outra estrutura necessária para uma moradia de qualidade. Os moradores realizaram manifestações solicitando a ligação de água encanada para as famílias, pois o final de ano se aproximava e era grande o risco de passarem natal e ano novo sem água.

Houve um ato no calçadão da Rua XV, passeatas na Av. República Argentina, mas ao menos em primeiro momento, as reivindicações não foram atendidas. Em ação movida pelos advogados, dois juízes deram pareceres contrários a ligação de água encanada para as famílias, conforme documento encontrado nos arquivos da Ferrovia. Era uma tentativa forçada de desocupação, restringir qualquer tipo de auxílio por parte do poder público.

Pouco mais de três anos de ocupação, e a primeiras negociações voltaram a ser discutidas, havia a necessidade prioritária de desocupar um eixo da Ferrovia, a parte em que hoje se encontra o Super Muffato, importante mercado da região com uma grande rede de lojas espalhadas pelo Estado e o Shopping Palladium, considerado um dos maiores do sul do Brasil. Nota-se um esforço por parte da prefeitura em resolver a situação não em toda sua extensão, mas em um eixo específico, a região do bairro Portão. Na tentativa de camuflar o problema habitacional, efetuando uma *higienização social* na região composta em sua grande maioria de moradores de classe média, insatisfeitos obviamente em dividir o mesmo metro quadrado com famílias de classe baixa. *Esse apartheid social* ajuda a compreender, ao menos em partes, as estratégias adotadas pela prefeitura para resolver um problema que se arrasta há anos em Curitiba, além de responder a problematização central do presente trabalho. Foi assim na tentativa de remoção da Vila Capanema e Favela do Campina, esta última no coração do Ecoville, luxuoso bairro na região oeste de Curitiba, habitado por Carlos Alberto Richa, ex-governador

do Estado do Paraná e também preso três vezes na Operação Quadro Negro do GAECO.<sup>17</sup>

Podemos citar o exemplo do centro do Rio de Janeiro, diversos cortiços foram derrubados, dando espaço para a construção de largas avenidas, seguindo o modelo arquitetônico de Paris.<sup>18</sup> Famílias inteiras foram removidas, refugiando-se nas áreas distantes do centro ou então no alto dos primeiros morros a se tornarem favela na antiga capital do país.

O grupo de rap Inquérito em sua letra *Eu só Peço a Deus* narrou da seguinte maneira a modo como o poder público trata a situação habitacional:

“Tira os pobres do centro, faz um cartão postal...  
É o governo trampando, photoshop social”.

Diante das negociações, algumas famílias aceitaram a proposta de desocuparem o eixo citado acima, desde que fossem realocadas em outra área, destinada pela COHAB, regularizada e com a garantia de investimentos em infraestrutura, como exemplo, ruas asfaltadas, saneamento básico e linhas de ônibus. O destino destas famílias foi o recém-formado Bairro Novo, no Sítio Cercado. Mais afastado do centro, porém com estrutura infinitamente melhor, além de terem a garantia de receberem uma área regularizada, dentro das condições econômicas para o pagamento. Outra condição além da retirada das famílias no eixo do bairro Portão foi a de que as demais famílias poderiam permanecer, a prefeitura atenderia a população com os recursos necessários para habitação, fato este rejeitado por algumas lideranças, o que contribuiu para a divergência de opiniões, mas ao final com causa favorável as milhares de famílias que tiveram o direito de permanecer, fato que persiste até os dias atuais, mesmo com uma angústia infinita, pois quase 30 anos depois, a Ferrovia em sua grande maioria, ainda não foi regularizada, quase todas as famílias ainda não receberam o título de posse, documentos que

---

<sup>17</sup> AFFONSO, Julia. Beto Richa preso pela terceira vez, agora por desvios de R\$ 22 MI de escolas. Estadão, 19 de mar. de 2019. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/beto-richa-presos-pela-terceira-vez-agora-por-obstrucao-de-justica/>>. Acesso em: 23 de nov. de 2019.

<sup>18</sup> KIFFER, Danielle. O Rio de Janeiro da Belle Époque é retratado em vídeos-documentários para estudantes. FAPERJ, 13 de mar. de 2015. Disponível em: <<http://www.faperj.br/?id=2880.2.5>> Acesso em: 02 de dez. de 2019

comprovem o pertencimento do imóvel a elas, o que possibilitaria uma possível no venda dentro dos trâmites da lei.

Portanto, é bastante perceptível o modo segregacionista adotado pela prefeitura de Curitiba diante de um problema urbano, a incapacidade de resolução diante do aumento do déficit habitacional, buscando acordos visando a ocultação da favelização pela qual Curitiba passa desde os anos 1970, optando pela resolução quando o problema ocupa bairros de classe média, fazendo com que a realocação dessas famílias se dê no campo da exclusão, distanciando ainda mais o contato entre centro e periferia, bairros nobres e áreas de vulnerabilidade social, reafirmando a tese analisada diante deste presente trabalho, com a afirmação de uma cidade excludente, higienista e pouco democrática no segmento habitacional, servindo de modelo a um número reduzido de habitantes, esses últimos, certamente não enfrentam problemas habitacionais, tampouco são dependentes do poder público e seu descaso na resolução dos problemas enfrentados diante do aumento da desigualdade social.

FIGURA 3: CONSOLIDAÇÃO DA FERROVILA, 2019



### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises mais premeditadas tendem a acreditar que o fato de possuir o maior PIB do Estado e ostentar o título de “cidade modelo”, “capital social” e “capital ecológica” fariam de Curitiba, considerada por alguns segmentos como a cidade mais europeia do Brasil, uma cidade com índices reduzidos de violência e desigualdades sociais, certo? Errado!

É nesse cenário que tem início uma das maiores ocupações do Estado, abrigando cerca de 3.500 famílias, em uma área que atravessa ao menos 3 bairros de Curitiba, contornando a desativada estrada de ferro que atravessa alguns dos cruzamentos mais movimentados da cidade. Diante da ineficiência da prefeitura em resolver o déficit habitacional, famílias inteiras depositaram suas esperanças em realizar o sonho de conquista da casa própria, levantaram suas barracas de lona preta, semearam através da luta, permanência, ameaça de desocupação e resistência, a possibilidade de uma vida próxima as áreas centrais da cidade.

Diante dos fatos narrados até então, ao menos em grande parte, mostrou o quanto Curitiba é uma cidade segregacionista, realocando famílias aos cantos mais extremos da cidade, assim como busca camuflar o grande déficit habitacional através de acordos no qual se isenta da responsabilidade como Estado, ao não atender reivindicações de extrema necessidade por parte das pessoas, infraestrutura de qualidade e com condições necessárias para o desenvolvimento urbano daquela localidade, não ficando inferiorizada em nada se comparada aos demais bairros – inclusive nobres – na cidade de Curitiba.

Por fim, reafirmam parte das análises a respeito de um *Apartheid Social* na cidade que é considerada modelo ao restante do país, tornando excludente quanto a políticas públicas que atendam em sua totalidade a população de baixa renda residente desta cidade. 30 anos após o início da ocupação da Ferrovila, pouco mudou quanto a parte jurídica, no campo estrutural as ruas foram asfaltadas, receberam nome, as casas possuem energia elétrica, linhas de ônibus estão à disposição da população, mas o medo, insegurança e angústia quanto a regularização é algo presente na vida de cada morador, uma situação que se arrasta por quase três décadas, mas parece estar longe de uma resolução favorável aos moradores que permanecem sem perder suas esperanças.

Se não o suficiente, quase ao término do presente trabalho, é assinado um acordo entre Ministério Público e COHAB sobre o direito de posse das moradias sem qualquer documentação legal perante os autos, com a possibilidade de remoção em algumas áreas da capital. Vale ressaltar, o acordo excluiu o direito de participação e diálogo da população com o poder público, algo recorrente no processo de formação da cidade, restringindo o direito de participação popular. Foi assim no governo Jaime Lerner, e assim se repete na gestão do atual prefeito Rafael Greca, o mesmo que em nota através do seu gabinete parlamentar garantiu que a população sem teto de Curitiba seria atendida pelo candidato a prefeito à época, Jaime Lerner, teria a resolução do déficit habitacional, mas que após o término da campanha eleitoral, voltou-se contra a população, atacando fortemente as ocupações, acusando as lideranças de promoverem uma “indústria da invasão”.

São tempos difíceis aos que clamam por justiça social, mas esse povo resiste. Bem vindos a Ferroviária!

## REFERÊNCIAS

Jornal Nacional: **brasileiro gasta mais de 70% da renda com habitação, transporte e comida.** <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/10/04/brasileiro-gasta-mais-de-70percent-da-renda-com-habitacao-transporte-e-comida.ghtml>. acesso em 14 de out. de 2019

FONTES, Giulia. **Moradias em falta e ocupações irregulares: o desafio da habitação em Curitiba e região** <<https://www.gazetadopovo.com.br/parana/desafio-habitacao-curitiba-regiao-metropolitana/>>. Acesso em 10 de out. de 2019

1º DE MAIO: Por melhores salários. **Jornal Correio**, Curitiba, 16 de abr. de 1979. Arquivo Pessoal. Acesso em: 17 de out. de 1979

ABREU, Cesaltina. Desigualdade Social e Pobreza: ontem, hoje e (que) amanhã. Cap. 1. **Revista Angolana de Sociologia**, 14 de Maio de 2012

AFFONSO, Julia. **Beto Richa preso pela terceira vez, agora por desvios de R\$ 22 MI de escolas.** Estadão, 19 de mar. de 2019. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/beto-richa-presos-pela-terceira-vez-agora-por-obstrucao-de-justica/>>. Acesso em: 23 de nov. de 2019.

Assembleia Geral, 1º Encontro. 29 de jun. de 1980, Vila Formosa. **ARQUIVO PESSOAL.**

BARRUCHO, Luis. 50 anos do AI-5: **Os números por trás do ‘milagre econômico’ no Brasil.** BBC News Brasil, Londres, 13 de dez. de 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45960213>>. Acesso em: 09 de dez. de 2019

BOULOS, Guilherme. Como as cidades se desenvolveram. **Porque ocupamos?** 2012, 27p.

CALEIRO, João. **As 20 cidades com as maiores economias do Brasil.** Exame Abril, 17 de dez de 2017. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/economia/as-20-cidades-com-as-maiores-economias-do-brasil/>>. Acesso em: 10 de out. de 2019

CORRÊA, Marcello. **Brasil é o 10º país mais desigual do mundo.** O Globo, 21 de mar. de 2017. Disponível em:<<https://oglobo.globo.com/economia/brasil-o-10-pais-mais-desigual-do-mundo-21094828>>. Acesso em: 09 de dez. de 2019

CORREIO de Notícias, **O plano de Desfavelamento anunciado ontem está completo em opções para o morador**, mas atinge apenas 40% do total. 1º de abr. de 1980, Curitiba, 8p.

CURITIBA, Prefeitura. **CIC Tem mais moradores que cidades como Guarapuava e Paranaguá.** Site Oficial, Curitiba, 17 de jun de 2017. Disponível em: <<https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/cic-tem-mais-moradores-que-cidades-como-guarapuava-e-paranagua/42472>>. Acesso em: 20 de out. de 2019

DIAS, Rodrigo. Bourdieu: **um clássico ainda não reconhecido como tal.** Blog **Sociologia e Antropologia**. Acesso em: 06 de nov. de 2019  
Entrevista do prefeito Jaime Lerner no BOM DIA PARANÁ. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YCjyZxzPbSY>>

FONTES, Giulia. **Moradias em falta e ocupações irregulares: o desafio da habitação em Curitiba e região.** Gazeta do Povo, 03 de abr. de 2019. Disponível em: IARGAS, Elisângela. Educar a infância: estudo sobre as primeiras creches públicas da rede municipal de educação de Curitiba (1977-1986). 2012, 27p.

KIFFER, Danielle. **O Rio de Janeiro da Belle Époque é retratado em vídeos-documentários para estudantes.** FAPERJ, 13 de mar. de 2015. Disponível em: <<http://www.faperj.br/?id=2880.2.5>> Acesso em: 02 de dez. de 2019

Marx, Karl. Manifesto Do Partido Comunista, 1848. **Conflito de classes teorizado por Marx.**

NACIONAL, Jornal. **Brasileiro gasta mais de 70% da renda com habitação, transporte e comida.** G1, 04 de out. de 2019.

OLIVEIRA RUIZ, Gabriel. **Memória Ferroviária em Curitiba: análise da retirada dos trilhos da RFFSA no perímetro urbano.** 14 de maio de 2013.

OLIVEIRA RUIZ, Gabriel. **Memória Ferroviária em Curitiba: análise da retirada dos trilhos da RFFSA no perímetro urbano.** 14 de maio de 2013. Disponível em: <[https://www.academia.edu/13079143/Mem%C3%B3ria\\_ferrovi%C3%A1ria\\_em\\_Curitiba\\_PR\\_An%C3%A1lise\\_da\\_retirada\\_dos\\_trilhos\\_da\\_RFFSA\\_noper%C3%ADmetr\\_ourbano](https://www.academia.edu/13079143/Mem%C3%B3ria_ferrovi%C3%A1ria_em_Curitiba_PR_An%C3%A1lise_da_retirada_dos_trilhos_da_RFFSA_noper%C3%ADmetr_ourbano)>. Acesso em: 11 de nov. de 2019

SAMPAIO, Ahirton. Doático é preso em invasão da Cohab. Cidades, **Jornal do Estado, Curitiba**, 14 de dez. de 1995. Acesso em: 20 de out. de 2019, ARQUIVO PESSOAL.

SAVIANI, Rodrigo. **'Geada Negra' que destruiu pés de café no Paraná completa 40 anos.** G1 PR, Londrina, 18 de jun. de 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/noticia/2015/07/geada-negra-que-destruiu-pes-de-cafe-no-parana-completa-40-anos.html>>. Acesso em: 17 de out. de 2019

TONELLA, Celene. **Dois décadas de ocupações urbanas em Curitiba.** Quais são as opções de moradia para os trabalhadores pobres, afinal? Cad. Metrop., São Paulo, v. 12, n. 23, pp. 239-262. 10 de mar. de 2010